



ISSN: 1984-6266

Relações entre Sustentabilidade Corporativa e Desempenho Organizacional sob a Ótica dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Bruno José Patrício Romão

UFPB – Universidade Federal da Paraíba
brunojosp@gmail.com

Renata Paes de Barros Câmara

UFPB – Universidade Federal da Paraíba
rpbcamara@gmail.com

Recebimento:

26/07/2021

Aprovação:

08/03/2022

Editor responsável pela aprovação do artigo:

Dra. Luciana Klein

Editor responsável pela edição do artigo:

Dra. Luciana Klein

Avaliado pelo sistema:

Double Blind Review

A reprodução dos artigos, total ou parcial, pode ser feita desde que citada a fonte.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo verificar como a sustentabilidade corporativa das companhias brasileiras de capital aberto está relacionada a seu desempenho organizacional. Neste intuito, por meio da técnica de análise de conteúdo aplicada nos 281 relatórios de sustentabilidade das 100 empresas integrantes da amostra no período de 2016 a 2019, foi possível constituir a variável referente à sustentabilidade corporativa, como também aquelas que remetem ao desempenho organizacional não financeiro. A parte financeira do desempenho organizacional foi representada por indicadores anteriormente abordados na literatura. Afim de testar as relações entre o desempenho organizacional e a sustentabilidade corporativa, as empresas foram classificadas em grupos de acordo com seu grau de sustentabilidade corporativa (GSC) apresentado. Posteriormente realizou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, o qual indicou a existência de diferença estatisticamente significativa entre as medianas dos grupos, o delineamento desta relação foi constatado por meio de gráficos *boxplot*. Os resultados encontrados sugerem uma associação positiva entre o GSC da empresa e o seu desempenho organizacional, seja na vertente financeira ou não financeira. Apenas para as variáveis ROA e ROE não foi constatada diferença significativa entre o desempenho e a sustentabilidade. Este trabalho contribui para a literatura na área da avaliação de desempenho estendendo o olhar para além dos aspectos econômicos e financeiros. Outro ponto de destaque está na inserção dos ODS como parâmetros para mensuração da sustentabilidade corporativa nas empresas brasileiras de capital aberto.

Palavras-chave: Sustentabilidade Corporativa. Desempenho Organizacional. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CONTABILIDADE
MESTRADO E DOUTORADO

DOI:

<http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v14i2.83204>

RELATIONSHIP BETWEEN CORPORATE SUSTAINABILITY AND ORGANIZATIONAL PERFORMANCE FROM THE PERSPECTIVE OF SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS

ABSTRACT

This paper aimed to determine how corporate sustainability of Brazilian public companies is related to organizational performance. For this purpose, through the content analysis technique applied to the 281 sustainability reports of the 100 companies in the sample in the period from 2016 to 2019, it was possible to constitute the variable related to corporate sustainability, as well as those related to non-financial organizational performance. The financial part of organizational performance was represented by indicators previously discussed in the literature. In order to test the relationship between organizational performance and corporate sustainability, companies were classified into groups according to their degree of corporate sustainability (DCS) presented. Subsequently, the non-parametric Kruskal-Wallis test was performed, indicating the existence of a statistically significant difference between the medians of the groups, the delineation of this relationship was verified through boxplot graphics. The results found suggest a positive association between the company's DCS and its organizational performance, whether in the financial or non-financial aspect. Only for the ROA and ROE variables there was no significant difference between performance and sustainability. This research contributes to the literature in the field of performance evaluation, extending the look beyond economic and financial aspects. Another highlight is the inclusion of the SDGs as parameters for measuring corporate sustainability in publicly traded Brazilian companies.

Keywords: Corporate Sustainability. Organizational Performance. Sustainable Development Goals.

1 Introdução

O olhar das empresas voltado para aspectos que transpasse as questões exclusivamente financeiras não é fato majoritariamente atual, considerando que na década de 1950 algumas entidades já apresentavam preocupações com elementos sociais. A difusão de um conceito sobre a responsabilidade social das corporações cresceu ao longo dos anos, englobando aspectos socioambientais e desaguando em mudanças organizacionais, formalizadas sobretudo na década de 70 (Carrol, 2008).

Após debates políticos, institucionais e acadêmicos ocorridos na década de 70 (Barata, 2007), o conceito fundamentado de Desenvolvimento Sustentável (DS) apareceu de forma contundente no relatório Brundtland no ano de 1987, concebido pela *World Commission on Environment and Development (WCDE)*. Tal documento teve por finalidade trazer discussões a respeito do crescimento econômico em detrimento da exploração exacerbada de matéria-prima natural, bem como as desigualdades nos padrões de vida (WCED, 1987). Essa visão macro do desenvolvimento sustentável apresentada no relatório em questão, está sendo incluída de forma mais incisiva no panorama empresarial (Zacompé, Ensslin & Ensslin, 2012), sobretudo porque as empresas lidam com questões que estão para além das econômicas (Azevedo, 2006).

Nesse contexto, em setembro de 2015 um acordo entre 193 estados-membros definiu a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) para o desenvolvimento sustentável, onde foram lançados os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ONU, 2015). Tais ODS podem se configurar como um meio para integrar a estratégia e atividades organizacionais ao desenvolvimento sustentável (Bastos, 2017). Além disso, desde o início da concepção dos ODS houve a participação de integrantes do setor privado (as principais organizações empresariais) como forma de incluir maior parcela do desenvolvimento sustentável na conta das empresas (Pedersen, 2018).

Na visão corporativa a sustentabilidade integra o poder da empresa em alcançar bom desempenho financeiro alinhado a equilíbrio ambiental e questões sociais (Rezende, Nunes & Portela, 2008). Sendo assim,

questões socioambientais passaram a integrar a estratégia das empresas (Azevedo, 2006), pois estas enxergam no desenvolvimento sustentável meio para alcançarem crescimento, e manutenção dos negócios a longo prazo, além de uma melhoria em seus resultados (Costa & Boente, 2011).

Diante da complexidade para implantação de práticas voltadas para a sustentabilidade no âmbito empresarial e a inerente necessidade de sua inclusão no plano estratégico das entidades (Azevedo, 2006; Romano, Benites & Polo, 2013; Teixeira, Filho & Helleno, 2015; Diniz & Callado, 2017), a avaliação de desempenho organizacional se configura como mecanismo de auxílio fundamental (Lavieri & Cunha, 2009). A verificação do alinhamento entre os resultados, as práticas gerenciais, e às estratégias empresariais direcionam à uma gestão eficaz (Machado, Machado & Holanda, 2007).

Relações entre sustentabilidade corporativa e desempenho organizacional são exploradas na literatura, geralmente, apenas sob o foco do desempenho financeiro (Soytas, Denizel, & Usar, 2019). O presente trabalho buscou realizar uma análise para verificar as relações entre o desempenho organizacional que não sejam exclusivamente o financeiro, uma vez que incluir a perspectiva também dos indicadores não financeiros é fundamental para prover um panorama mais fiel do real desempenho das empresas para os gestores (Macedo & Corrar, 2010; Kotane & Kuzmina-Merlino, 2015). Assim, a seguinte problemática de pesquisa foi formulada: **Qual a influência da sustentabilidade corporativa das empresas brasileiras de capital aberto sobre seu desempenho organizacional?**

Este trabalho se diferencia das demais pesquisas que buscam verificar as relações entre desempenho organizacional e sustentabilidade corporativa por utilizar os objetivos do desenvolvimento sustentável como parâmetros para mensuração dos aspectos referentes a SC. Outrossim, utilizaram-se tanto indicadores financeiros, quanto não-financeiros para caracterizar o desempenho da entidade, contrapondo estudos que lançam mão apenas de um tipo de indicador (financeiros na grande maioria) como proxy para avaliação de desempenho empresarial. Desta forma, espera-se colaborar com a literatura acerca do desempenho organizacional e da sustentabilidade, trazendo as metas apresentadas pela Agenda 2030 como possíveis indicadores do nível de práticas sustentáveis exercidas pelas organizações.

Compreendendo a contribuição da sustentabilidade corporativa para o alcance do desenvolvimento sustentável (Elkington, 1998), bem como a contribuição das práticas de sustentabilidade para o desempenho organizacional (Goyal, Rahman & Kazmi, 2013; Cantele & Zardini, 2018; Jan, Marimuthu & Pisol, 2019; Soytaş *et al.*, 2019), e percebendo ainda a importância dos ODS como direcionadores globais para o desenvolvimento sustentável, o objetivo geral dessa pesquisa constituiu-se em verificar a influência da sustentabilidade corporativa das companhias brasileiras de capital aberto sobre seu desempenho organizacional.

2 Revisão Da Literatura

2.1 Sustentabilidade Corporativa

O termo “sustentabilidade” tem suas origens no desenvolvimento sustentável (Almeida, Euripedes Júnior & Costa, 2017), podendo ser compreendida como o processo que leva a este (Sartori, Latrôncio & Campos, 2014). No âmbito empresarial significa que a organização deve operar de modo a não causar danos significativos aos seres vivos e sem degradar permanentemente o meio ambiente, devendo também preocupar-se com elementos que integram o campo social (Savitz & Weber, 2007). Logo, empresa sustentável é aquela que consegue elaborar produtos e serviços capazes de atender às necessidades de todas as partes envolvidas, sem que para isso comprometa sua continuidade ou a manutenção dos ecossistemas dos quais o negócio é dependente (Vellani & Ribeiro, 2009).

Conforme abordado no item anterior a sustentabilidade corporativa é de fato alcançada pelas empresas quando estas conseguem integrar de forma equilibrada as três dimensões do desenvolvimento sustentável

(ambiental, social e econômica). Elkington (1998) em seu livro *Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business*, apresentou o modelo que serve de parâmetro para considerar o alcance da sustentabilidade na área corporativa. Este modelo ficou conhecido como *Triple Bottom Line (TLB)*, ou ainda “Tripé da Sustentabilidade”, por incluir na visão dos negócios duas novas dimensões a serem abordadas (ambiental e social).

De maneira geral, a sustentabilidade corporativa requer um novo modelo de gestão de negócios que inclua no processo de tomada de decisão as dimensões social e ambiental em adição aos aspectos econômicos (Froehlich, 2014). Portanto, a sustentabilidade corporativa ganha força como instrumento de vantagem competitiva. Um negócio sustentável não pode ser visto apenas como preocupação socioambiental, mas como uma estratégia empresarial (Benites & Polo, 2013). Sendo assim, as entidades devem incluir os elementos relacionados à sustentabilidade de maneira estratégica na organização (Mattarozzi & Trunkl, 2008).

A sustentabilidade, quando aplicada de forma efetiva, pode gerar eficiência operacional para a organização, pela própria mudança no agir operacional (eficiência energética, redução de emissões, reuso de água e resíduos) o que leva a uma redução nos custos incorridos (Soytas, Denize & Usar, 2019). Aplicar práticas voltadas ao alcance do desenvolvimento sustentável nos negócios gera uma maior participação ativa de todo corpo funcional, impactando todas as atividades organizacionais (Sanipar, Yudoko, Adhiutama & Dowaki, 2012).

Diante do exposto, estão presentes na literatura estudos que abordam a relação entre sustentabilidade corporativa e desempenho organizacional (Goyal, Rahman & Kazmi, 2013; Cantele & Zardini, 2018; Jan, Marimuthu & Pisol, 2019; Soyta *et al.*, 2019). A maioria das pesquisas desta natureza tende a considerar o desempenho financeiro como substituto para o desempenho organizacional (Goyal *et al.*, 2013), a presente pesquisa se difere por acrescentar aspectos não financeiros na avaliação do desempenho, o que confere um caráter mais voltado para a gestão.

2.2 Desempenho Organizacional

O desempenho organizacional é um tema complexo, não sendo possível sua compreensão apenas pela perspectiva de uma única métrica (Carneiro *et al.*, 2005). Outrossim, também não existe uma única metodologia que seja aplicável a todas as variáveis que incorrem no processo empresarial de forma efetiva, sendo necessárias múltiplas abordagens (Macedo & Farias, 2005). Avaliar o desempenho organizacional tem função estratégica capaz de apontar fatores chave para a tomada de decisões (Callado, Callado & Almeida, 2008), essa ferramenta tem sido adotada geralmente como forma de obter um panorama sobre a eficiência e eficácia das atividades empresariais (Vargas, Diehl, Ayres & Monteiro, 2016).

Os indicadores de desempenho trazem uma visão importante sobre a situação da organização, auxiliando os gestores na tomada de decisão (Oliveira, Viana Júnior, Pontes & Domingos, 2017). É através do cenário auferido por esses indicadores que as metas e estratégias da entidade podem ser realinhadas quando necessário (Vargas *et al.*, 2016). A maioria das empresas apresentam uma tendência de uso de indicadores voltados para o desempenho econômico (Pace, Basso & Silva, 2003; Callado *et al.*, 2008; Kotane & Kuzmin-Merlino, 2011). No entanto, é importante a percepção alcançada também através da utilização dos indicadores não financeiros (Kaplan & Norton, 1992; Neely, Richards, Mills, Platts & Bourne, 1997).

Devido à crescente demanda por organizações sustentáveis, as empresas necessitam direcionar sua gestão organizacional para fatores que vão além dos econômicos e financeiros (Rover, Borba, & Borgert, 2008). Alinhado a isto, mensurar o desempenho organizacional é primordial para direcionar a entidade ao alcance de seus objetivos estratégicos (Popova & Sharpanskykh, 2010). Tais objetivos devem estar cada vez mais voltados ao alinhamento entre as questões que permeiam a dimensão social, ambiental e econômica (Kaplan & Norton, 2008; Silva *et al.*, 2010; Tisott *et al.*, 2011).

A sustentabilidade corporativa traz uma nova perspectiva de gestão para as organizações (Kulak, Castro & Maçaneiro, 2016). Portanto, o desempenho organizacional se transforma, considerando aspectos além dos financeiros, orientando a gestão rumo à sustentabilidade (Hourneaux Junior; Galleli, 2016). No entanto, se o desempenho falhar na inclusão dos aspectos socioambientais, seu resultado será prejudicado (Fauzi, Svensson & Rahman, 2010).

A pesquisa de Goyal *et al.*, (2013) traz uma revisão da literatura existente sobre a relação entre sustentabilidade corporativa e desempenho organizacional. Nela constatou-se que não existe um direcionamento definido para tal relação, pois esta sofre influência de aspectos culturais e econômicos. Cantele e Zardini (2018) verificaram que a sustentabilidade corporativa afeta positivamente a vantagem competitiva da organização. Os resultados de Jan *et al.*, (2019) apontaram para relação positiva entre as práticas de sustentabilidade corporativa e o desempenho financeiro dos bancos, sob a perspectiva da gerência.

2.3 Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável

A Agenda 2030 é definida pela ONU como um plano de ação a ser posto em prática por pessoas, para o planeta e prosperidade. Estabelecido no ano de 2015, após assinatura de 193 países que se comprometeram com os novos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) (Pedersen, 2018). Mesmo existindo um conjunto único de metas, cada país deve, ao longo do tempo, observar aquelas que mais se adequam a sua realidade e elaborar políticas capazes de alcançá-las (Allen, Metternicht & Wiedmann, 2016).

A Agenda 2030 almeja um futuro promissor e sustentável para os cidadãos do mundo, apontando que a erradicação da pobreza passa por questões que necessitam de estratégia econômica, proteção ambiental e trato social (Miola & Schiltz; 2019). Assim, foram determinados 17 objetivos compreendidos em 169 metas para o desenvolvimento sustentável.

No âmbito empresarial a implementação dos ODS abre um novo horizonte para as empresas, munindo-as de um novo direcionador mais claro e objetivo sobre as prioridades globais a serem alcançadas em longo prazo (Pedersen, 2018). No próprio documento da ONU é reconhecido o papel fundamental das microempresas, cooperativas e multinacionais para implementação efetiva da Agenda 2030.

3 Procedimentos Metodológicos

Seguindo a problemática estabelecida para este trabalho e a fim de alcançar o objetivo de pesquisa delimitado, realizou-se inicialmente uma análise de conteúdo nos relatórios de sustentabilidade e/ou anual das empresas brasileiras listadas na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão). Esse procedimento tem por finalidade constituir as variáveis referentes aos graus de sustentabilidade corporativa (GSC) das empresas. Os relatórios foram obtidos por meio dos *sites* de relações com investidores (RI) das organizações integrantes da amostra. Na fase posterior foram coletados os dados referentes aos aspectos financeiros do desempenho organizacional, utilizando para tal a base de dados *Economática*®.

O universo de pesquisa utilizado remete a todas as empresas com ações negociadas na bolsa de valores do Brasil, com exceção daquelas que integram o setor financeiro, pois estas possuem um tratamento contábil diferenciado, bem como sua estrutura organizacional. Incorrendo assim num total de 309 empresas, conforme classificação setorial divulgada no *site* da B3. A população de pesquisa ficou determinada por 100 empresas. Chegou-se a este montante através da seleção daquelas entidades que divulgaram seus relatórios de sustentabilidade e/ou anual em pelo menos um dos anos que integraram o período de análise adotado (2016 – 2019). O corte temporal selecionado incorre nos anos posteriores ao lançamento da Agenda 2030, até o ano mais atual (2019) onde encontravam-se divulgados relatórios de sustentabilidade pelas empresas durante o desenvolvimento deste trabalho.

3.1 Definição das variáveis e procedimentos estatísticos

A variável referente à sustentabilidade corporativa das empresas foi constituída inicialmente na forma de um índice que representa o nível de utilização de práticas relacionadas aos ODS (Índice PRODS) presentes nos relatórios de cada empresa. Tal constatação foi possível por meio de um *framework* desenvolvido com base nas diretrizes da Agenda 2030 da ONU (Quadro 1). Cabe salientar que para efeito deste trabalho os ODS 16 e 17 foram retirados, pois referem-se a dimensão institucional. Esta medida foi tomada uma vez que a base deste estudo está em verificar a sustentabilidade corporativa por meio da abordagem *TBL* que considera apenas as dimensões ambiental, social e econômica. Também não foram incluídas todas as 169 metas para alcance dos ODS, apenas aquelas que foram consideradas mais próximas do contexto organizacional corporativo.

Quadro 1 - *Framework* para constatação das práticas referentes ao ODS

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável	Ação referente	Qtd ¹
ODS 1 – Erradicação da Pobreza	Projetos Sociais que visem diminuir a pobreza em todas as suas formas.	1
ODS 2 – Fome zero e agricultura sustentável	Projetos sociais que visem distribuição de alimentos a pessoas carentes; Utilização de produtos de pequenos produtores.	2
ODS 3 – Saúde e Bem-Estar	Planos de Saúde; Menções ao bem-estar dos colaboradores e sociedade; Menções a epidemias; Programas sociais contra o uso de drogas.	4
ODS 4 – Educação de Qualidade	Projetos voltados a educação; Educação profissionalizante; Educação de jovens e adultos.	3
ODS 5 – Igualdade de Gênero	Ações contra discriminação de gênero; Qualquer menção a discriminação por gênero.	2
ODS 6 – Água potável e Saneamento	Gestão sustentável da água; Apoio a comunidades locais, para melhor gestão da água e saneamento.	2
ODS 7 – Energia limpa e Acessível	Utilização de fontes de energia renováveis.	1
ODS 8 – Trabalho decente e Crescimento econômico	Crescimento econômico sustentado; Modernização da tecnologia e inovação; Uso eficiente de recursos (na produção e consumo); Inclusão dos jovens no mercado de trabalho.	4
ODS 9 – Indústria, Inovação e Infraestrutura	Infraestrutura local; Novas tecnologias; Industrialização inclusiva e sustentável.	3
ODS 10 – Redução das desigualdades	Realização de projetos sociais que visem diminuir as desigualdades em qualquer uma de suas vertentes.	1
ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis	Investimentos e auxílios de melhorias às comunidades.	1
ODS 12 – Consumo e Produção Responsáveis	Assegurar padrões de consumo e produção sustentáveis; Gestão sustentável e o uso eficiente dos recursos naturais; Tratamento dos resíduos; Reciclagem; Minimizar os impactos sobre o meio-ambiente.	5
ODS 13 – Ação contra a mudança global climática	Medidas sobre as mudanças climáticas; Controles nas emissões de gases do efeito estufa.	2
ODS 14 – Vida na água	Conservação e uso sustentável dos oceanos, mares e recursos marinhos; Reduzir a poluição marinha.	2
ODS 15 – Vida terrestre	Uso sustentável dos ecossistemas terrestres; Preservação da biodiversidade.	2
Total de ações		35

Fonte: Elaboração própria com base nas diretrizes da Agenda 2030 da ONU (2021).

A partir da análise de conteúdo foi feito inicialmente um levantamento da inclusão dos ODS no âmbito empresarial. Em seguida foram verificadas as práticas referentes aos ODS exercidas pelas empresas, constatadas a partir da divulgação destas em seus relatórios. Para calcular o índice de práticas relacionadas aos ODS, utilizou-se metodologia de cálculo para o nível de divulgação (Equação 1) (Batista, Cruz & Breuni, 2016).

Equação 1 – Índice PRODS

$$\text{PRODS} = \frac{\sum \text{PC}}{\text{TP}}$$

Nota: Índice de Práticas Relacionadas aos ODS contatadas nos relatórios de sustentabilidade analisados.
Fonte: Elaborado a partir de Batista et al., 2016.

Onde:

PRODS - Índice de práticas relacionadas aos ODS;

PC - Práticas constatadas;

TP - Total de práticas.

Com a formulação do índice PRODS concluída, passou-se para a classificação das empresas em grupos de acordo com o seu grau de sustentabilidade corporativa (GSC) auferido (Quadro 2). Foi utilizada a metodologia abordada por Rabelo e Lima (2007), que adaptaram o *framework* da PNUD/ONU (1998), o qual indica que a sustentabilidade pode atingir cinco níveis. A classificação final a ser utilizada neste trabalho condensou os cinco grupos em apenas três para uma melhor interpretação das relações ocorridas.

Quadro 2 – Caracterização da Sustentabilidade Corporativa com base nos ODS

Caracterização da SC	PRODS	Grupo	Classificação final - GSC
Sustentabilidade crítica	$0,299 \leq \text{PRODS} \leq 0,000$	1	GSC Baixo
Sustentabilidade ruim	$0,499 \leq \text{PRODS} \leq 0,300$	2	
Sustentabilidade média	$0,649 \leq \text{PRODS} \leq 0,500$	3	GSC Moderado
Sustentabilidade boa	$0,799 \leq \text{PRODS} \leq 0,650$	4	
Sustentabilidade excelente	$1,000 \leq \text{PRODS} \leq 0,800$	5	

Fonte: Adaptado de Rabelo & Lima (2007).

Em passo metodológico seguinte, procedeu-se a constituição das variáveis referentes aos aspectos não financeiros do desempenho organizacional. Para tal, também foi utilizada a técnica de análise de conteúdo nos relatórios de sustentabilidade das organizações a fim de verificar o desempenho não financeiro destas organizações, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – *Framework* para verificação dos Aspectos Não Financeiros empregados na avaliação do desempenho organizacional das empresas de capital aberto

Aspectos não financeiros	Indicadores	Qtd ¹
Processos	Captação de matéria-prima; Processamento e distribuição; Utilização da capacidade instalada; Novos produtos; Fornecedores; Logística, Pós-venda.	7
Produto/Serviço	Volume vendido; Índice de qualidade percebida; Pontos de venda; Gestão de fornecedores; Taxa de devolução/cancelamento; Evolução de vendas; Tempo de entrega do produto/ prestação do serviço	7
Clientes	Carteira de clientes; Número de clientes, <i>Market-Share</i> , Índice de satisfação de clientes; Índice de reclamação; Evolução de clientes; Atendimento ao cliente.	7

Pessoas	Número de colaboradores; Número de acidentes de trabalho; Rotatividade; Índice de satisfação dos colaboradores; Evolução de colaboradores; Colaboradores por região; Colaboradores terceirizados; Horas de treinamento.	8
Socioambiental	Impacto da empresa na sociedade; Número de projetos sociais; Índice de emissões (GEE); Área de recuperação/preservação ambiental; Volume de resíduos gerados; Volume dos resíduos reciclados; Volume de água utilizado; Energia renovável utilizada.	8
Imagem	Quantidade de prêmios recebidos; Certificações recebidas; Reconhecimento; ISE; Dow Jones; Great Place to Work; Redes Sociais.	7

Nota: ¹Quantidade de aspectos para cada perspectiva do desempenho organizacional.

Fonte: Elaborado a partir de Marquezan *et al.*, (2013) e Callado & Jack (2017).

A Equação 2 apresenta o cálculo utilizado para formulação dos índices referentes ao desempenho não financeiro para cada perspectiva (processos, produtos/serviços, clientes, pessoas, socioambiental, imagem).

Equação 2 – Índice de desempenho organizacional não financeiro por perspectiva (IDONF)

$$IDONF = \frac{\sum AU}{TA}$$

Fonte: Elaborado a partir de Batista *et al.*, 2016.

Onde:

INDOF – Índice de desempenho organizacional não financeiro da perspectiva em questão (mensura a sustentabilidade corporativa com base nas diretrizes da Agenda 2030);

AU – Aspectos utilizados pela empresa;

TA – Total de aspectos presentes no *framework* para a perspectiva em questão.

As variáveis referentes ao desempenho financeiro foram obtidas por meio da base de dados *Economática*®. Foram utilizados indicadores de desempenho abordados em estudos anteriores como métricas úteis para a avaliação do desempenho organizacional, tais como: Receita (Callado, Callado & Almeida, 2008; Machado & Machado, 2011); Lucro Líquido (Callado, Callado & Almeida, 2007; Callado & Jack, 2017); Retorno sobre o Ativo (ROA) e Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE) (Souza, Cardoso & Vieira, 2017; Brandt, Kroenke & Pletsch, 2017) e EBITDA (*Earnings before interest, taxes, depreciation and amortization*) (Oliveira *et al.*, 2017; Rozenbaum, 2017).

Para testar estatisticamente as relações entre a sustentabilidade corporativa e o desempenho organizacional das empresas de capital aberto, aplicou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, respeitando a significância estatística de 5%. O teste não paramétrico foi o mais indicado, tendo em vista que por meio do teste Shapiro-Wilk os dados não apresentaram uma distribuição normal. O teste de Kruskal-Wallis verifica a ocorrência de diferença significativa na média e/ou mediana entre um número de grupos igual ou superior a dois (Field, 2009). Sendo assim, as hipóteses estatísticas testadas foram:

H0: O desempenho organizacional (financeiro e não financeiro) é semelhante entre as empresas independente do GSC apresentado.

H1: O desempenho organizacional (financeiro e não financeiro) é diferente entre as empresas de acordo com GSC apresentado.

A fim de visualizar os resultados obtidos nos testes de Kruskal-Wallis foram construídos gráficos na forma “*boxplot*”, os quais permitiram a identificação das tendências de resultados para cada *proxy* do desempenho organizacional utilizada em relação aos GSC apresentados pelas empresas.

4 Apresentação dos Resultados

Após a realização dos trajetos metodológicos expostos anteriormente neste trabalho, os resultados acerca das relações entre a sustentabilidade corporativa e o desempenho organizacional foram alcançados. Inicialmente a estatística descritiva (Tabela 1) permite inferir que em média 67,97% dos relatórios de sustentabilidade das empresas de capital aberto possuem menções diretas aos objetivos do desenvolvimento sustentável. O índice PRODS médio obtido (58,59%) sugere que a maioria das práticas sustentáveis exercidas pelas organizações de capital aberto no Brasil estão alinhadas as diretrizes da Agenda 2030, conduzindo à uma sustentabilidade corporativa razoável/moderada de forma geral, considerando a classificação apresentada anteriormente (Quadro 2).

Tabela 1 – Estatística descritiva para a sustentabilidade corporativa e o desempenho organizacional das empresas brasileiras de capital aberto (2016 – 2019).

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
ODS	0,6797	1	0,4674	0	1
GSC	2,1352	2	0,8125	1	3
PRODS	0,5829	0,6000	0,1546	0,0860	0,8857
Desempenho não financeiro					
Processos	0,5902	0,5714	0,2013	0,1429	1
Produtos e Serviços	0,4194	0,4286	0,1967	0	0,8571
Clientes	0,5465	0,5714	0,2770	0	1
Pessoas	0,7309	0,7500	0,2106	0,1250	1
Socioambiental	0,6868	0,7500	0,2229	0	1
Imagem	0,4403	0,4286	0,1785	0	0,8571
Desempenho financeiro					
EBITDA	13,9598	14,1401	1,6470	7,5944	18,5025
Receita	15,5045	15,5983	1,6207	11,0464	19,6730
Lucro	12,9484	13,1151	1,7609	7,4037	17,0651
ROA	1,3590	1,5499	1,0564	-3,0936	3,6274
ROE	2,3401	2,5623	0,9919	-1,9673	4,6776

Nota: Os valores das variáveis referentes ao desempenho organizacional financeiro estão logaritmizados.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (2021).

Os resultados do teste não paramétrico de Kruskal-Wallis (Tabela 2) indicam que existem diferenças estatisticamente significativas nos valores medianos para todas as variáveis do desempenho organizacional não financeiro com relação ao grau de sustentabilidade corporativa auferido pelas empresas, uma vez que o *P-Value* esteve abaixo da significância de 5% adotada, levando a rejeição de H_0 . A associação entre o desempenho financeiro e a sustentabilidade corporativa apenas não apresentou diferenças estatisticamente significativas para as variáveis ROE e ROA, estando em conformidade com estudos anteriores (Rufino, Mazer, Machado & Cavalcanti, 2014; Silva, Lima, Costa & Sant'Anna, 2015; Oliveira & Santos, 2020). Contudo, também é possível encontrar estudos onde existe uma associação positiva entre a rentabilidade e a sustentabilidade corporativa (Silva & Lucena, 2019).

Tabela 2 – Resultados para o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis entre as diferenças medianas no desempenho organizacional (financeiro e não financeiro) de acordo com o GSC¹ (2016 – 2019).

Desempenho não financeiro		Desempenho financeiro	
Variáveis	<i>P-Value</i> ²	Variáveis	<i>P-Value</i>
Processos	0,0001	EBITDA	0,0001
Produtos e Serviços	0,0001	Receita	0,0001
Clientes	0,0001	Lucro	0,0001
Pessoas	0,0001	ROA	0,0920

Relações entre Sustentabilidade Corporativa e Desempenho Organizacional sob a Ótica dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Socioambiental	0,0001	ROE	0,1367
Imagem	0,0001		

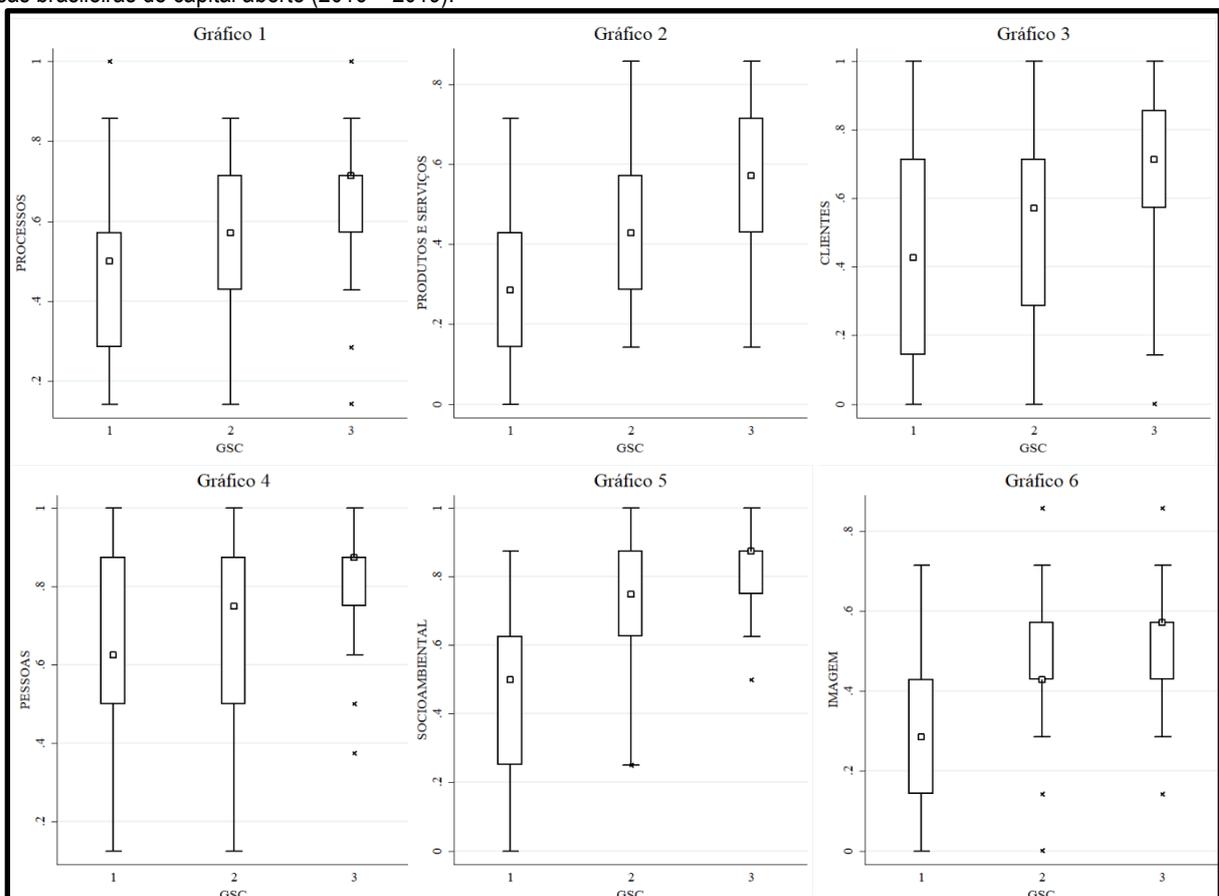
Nota: ¹Grau de Sustentabilidade Corporativa; ²Valores inferiores a 5% indicam rejeição da hipótese nula.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (2021).

Para uma melhor interpretação e conhecimento acerca do delineamento das relações entre a sustentabilidade corporativa e o desempenho organizacional foram construídos gráficos *boxplot*. Visando ser parcimonioso, os gráficos foram agrupados em dois grupos: um referente às variáveis do desempenho organizacional não financeiro (Figura 1) e outro que diz respeito ao desempenho financeiro (Figura 2). A interpretação conjunta dos gráficos referentes às perspectivas não financeiras do desempenho organizacional (Figura 1), permite inferir que quanto maior o GSC apresentado pela empresa, maior o número de aspectos utilizados na avaliação deste desempenho, ou seja, existe uma associação positiva entre uma melhor mensuração do desempenho não financeiro e a sustentabilidade corporativa.

Quanto a utilização de indicadores referentes a “processos” (Gráfico 1 – Figura 1) os limites superiores para os três grupos mostraram-se iguais (85,71%), excetuando-se os *outliers* ocorridos nos grupos 1 e 3, onde Metalrio Solutions S.A (grupo 1) e a Ambev S.A., JBS S.A. e a Irani Papel e Embalagens S.A. (grupo 3) empregaram o total de indicadores investigados para essa perspectiva do desempenho organizacional. A variância dos grupos 1 e 2 se apresenta maior do que a incorrida pelo grupo 3, configurando assim outro fator indicativo de que o percentual de utilização de aspectos relacionados a “processos” pelas empresas com GSC alto se concentra em uma faixa de valores mais elevados (entre 42,86% e 85,71%), desconsiderando os *outliers*.

Figura 1 – Relações entre as perspectivas do desempenho organizacional não financeiro e a sustentabilidade corporativa das empresas brasileiras de capital aberto (2016 – 2019).



Nota: (1) GSC baixo; (2) GSC moderado; (3) GSC bom.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (2021).

Associando os resultados supracitados em conjunto com a análise qualitativa dos relatórios de sustentabilidade, nota-se que aquelas empresas que mencionam alinhamento de suas práticas aos ODS, ou que apontam intenção de fazê-lo em um futuro breve, apresentam uma tendência a exigirem de seus fornecedores o cumprimento de metas relativas ao agir sustentável, este fato serve como justificativa para a significância estatística de uma maior utilização de indicadores relacionados a fornecedores pelas entidades que aderem aos ODS em detrimento a seus pares que não o fazem.

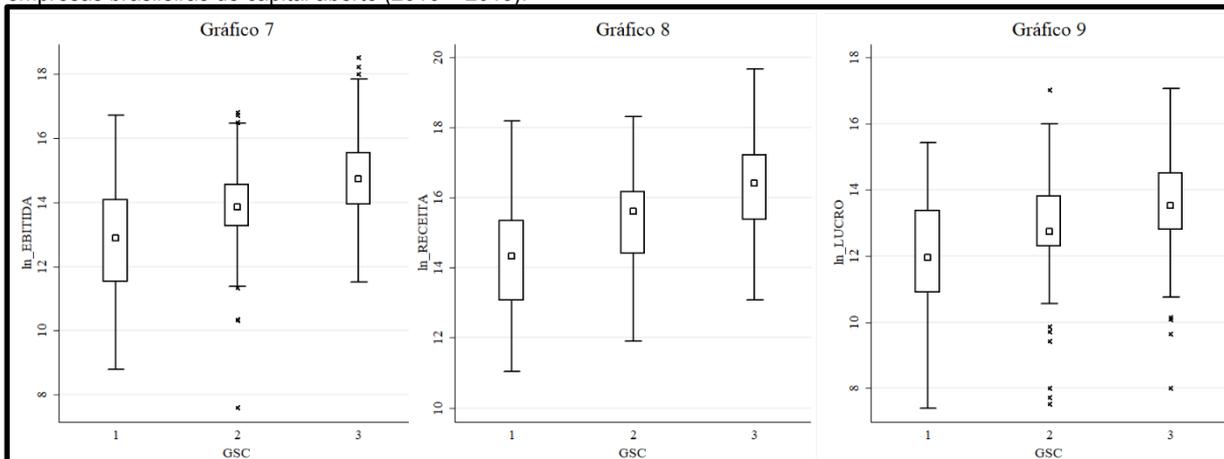
A principal diferença constatada para o uso dos aspectos relacionados a “clientes” está no grupo 3 (GSC alto) para o grupo 1 (GSC baixo), tendo uma diferença entre os valores medianos de 28,58 pontos percentuais. Também é possível verificar que 75% das empresas com GSC alto apresentam níveis de utilização de indicadores relativos a “Clientes” iguais ou superiores a 57,14%. A caráter de exemplo para justificar essa maior utilização citada no parágrafo anterior, foi possível constatar nos relatórios de sustentabilidade das empresas que mencionam os ODS (em específico B2W S.A., JBS S.A., Telefônica S.A.) que os fatores relacionados aos clientes (atendimento, fidelização, qualidade dos produtos) são tratados como metas para alcance de alguns dos objetivos da agenda 2030, daí a necessidade de uma maior avaliação destes aspectos por parte das empresas que aderem aos objetivos do desenvolvimento sustentável.

Para os indicadores referentes a perspectiva de “pessoas” a utilização mediana em todos os GSC foi superior a 60%, contudo é perceptível a diferença existente entre as empresas com GSC baixo e GSC bom, uma vez que, com exceção dos *outliers* ocorridos, as organizações que apresentaram os maiores valores de índice PRODS concentraram seu nível de utilização de métricas para avaliar o desempenho referente a pessoas acima destes 60%, incorrendo em um valor mediano de 87,50%. Tais indícios são fatores confirmatórios para fortalecer a associação positiva na relação entre os aspectos do desempenho organizacional não financeiro e a sustentabilidade corporativa.

Na Figura 2 estão dispostos os gráficos *boxplot* representativos das relações entre o desempenho organizacional financeiro e a sustentabilidade corporativa. Apenas os indicadores EBITDA, Receita e Lucro Líquido apresentaram um *P-Value* inferior a 5% (Tabela 2), levando a rejeição da hipótese nula de igualdade na mediana entre os grupos, ou seja, o desempenho para estas variáveis financeiras é alterado de acordo com o grau de sustentabilidade corporativa incorrido pela empresa.

Interpretando os gráficos presentes na Figura 2, pode-se inferir que existe uma associação positiva entre o desempenho organizacional financeiro e a sustentabilidade corporativa, uma vez que quando maior o GSC incorrido pela empresa, maior tende a ser o seu EBITDA (Gráfico 7), sua Receita (Gráfico 8) e o seu Lucro Líquido (Gráfico 9). Esses resultados estão alinhados aos abordados em estudos anteriores (Melo, Almeida & Santana, 2012; Hepper, Hansen & Santos, 2016; Soyta, Denizel & Usar, 2019; Monteiro, Santos & Santos, 2020; Pereira, Mascena & Boaventura, 2020).

Figura 2 – Relações entre as perspectivas do desempenho organizacional financeiro e a sustentabilidade corporativa das empresas brasileiras de capital aberto (2016 – 2019).



Nota: (1) GSC baixo; (2) GSC moderado; (3) GSC bom. Foram utilizados os valores logaritmizados das variáveis, para uma melhor visualização gráfica, tal utilização não impacta no resultado apresentado.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa (2021).

Desconsiderando os *outliers* ocorridos, tem-se que as empresas com melhores desempenhos financeiros, inferindo com base em qualquer uma das *proxys* que apresentou resultado estatisticamente significativo no teste de Kruskal-Wallis (Figura 2), são também aquelas organizações que integram os grupos com GSC mais elevado, ou seja, o limite superior (valor mais alto) das empresas do grupo 3 (GSC alto) são os maiores constatados, a variância para este grupo se concentra em uma área superior àquela apresentada pelos grupos 1 e 2. Esses fatos configuram-se em mais indícios de que existe uma associação positiva entre o desempenho organizacional e a sustentabilidade corporativa.

5 Considerações Finais

O intuito deste trabalho se constituiu em verificar como a sustentabilidade corporativa das companhias brasileiras de capital aberto está relacionada a seu desempenho organizacional. Tendo em vista a importância dos ODS no cenário mundial para o alcance da sustentabilidade e sua inserção cada vez maior no âmbito empresarial, as diretrizes da Agenda 2030 foram utilizadas como parâmetro para avaliação da sustentabilidade corporativa das entidades. O desempenho organizacional foi representado não apenas por aspectos financeiros, mas também incluindo elementos para além daqueles obtidos a partir das demonstrações contábeis, incorrendo em uma visão mais ampla e mais aproximada do real desempenho das empresas analisadas.

Assim, constatou-se que 67,97% dos relatórios investigados possuem menção direta aos objetivos do desenvolvimento sustentável, indicando um panorama positivo da inserção destas diretrizes no âmbito corporativo nacional. A sustentabilidade corporativa das empresas brasileiras pode ser considerada como razoável de maneira geral, tendo em vista que o nível médio do índice PRODS para a amostra foi de 58,29%. O teste não paramétrico de diferença entre medianas dos grupos sugere que o desempenho das empresas difere de acordo com seu GSC. A interpretação dos gráficos *boxplot* permite inferir que essa diferença é delineada em uma tendência positiva, ou seja, quando maior o grau de sustentabilidade corporativa apresentado pela empresa, melhor será seu desempenho organizacional (financeiro e não financeiro), ressalta-se que tal diferença não se mostrou estatisticamente significativa para as variáveis ROA e ROE.

Os resultados desta pesquisa estão alinhados com a literatura que relaciona sustentabilidade com desempenho, indicando que empresas que empregam maior foco em questões socioambientais, são também

aquelas que incorrem em um melhor desempenho. Além disso, fortalece as ideias propostas pela Agenda 2030. A principal limitação da pesquisa esteve na coleta dos dados qualitativos, tendo em vista que os termos e nomenclaturas utilizados para um mesmo aspecto do desempenho, ou para uma ação referente aos ODS, difere de empresa para empresa. Além disto, na data de coleta dos dados grande parte das empresas ainda não haviam divulgado seus relatórios de sustentabilidade referentes ao exercício 2019.

Com o desenvolvimento deste estudo foi possível constatar em que passo está a adoção dos ODS pelas empresas brasileiras, estes que por sua vez se mostraram importantes elementos para a sustentabilidade empresarial. O desempenho organizacional é também afetado em maior ou menor nível pelas práticas socioambientais que as empresas executam. Assim, é possível que num horizonte breve um maior número de corporações comece a empregar de forma mais incisiva as metas dos ODS no dia a dia de suas operações.

Este trabalho apresenta indicações, corroborando com estudos anteriores, de que não se pode mais dissociar os resultados obtidos pela empresa de suas práticas sociais e ambientais. Então, é preciso que as práticas de responsabilidade social corporativa se tornem mais efetivas para a aplicação de medidas que aloquem recursos no desenvolvimento sustentável da entidade como indivíduo social (visão micro) e por conseguinte da própria sociedade (visão macro).

Pesquisas futuras podem explorar a força da relação entre a sustentabilidade corporativa e o desempenho organizacional, verificando a direção desta influência, e controlando aspectos organizacionais que não foram abordados neste estudo. Também é possível encontrar mais detalhes sobre a aplicabilidade da Agenda 2030 pelas empresas brasileiras de capital aberto.

Referências

- Allen, C., Metternicht, G., & Wiedmann, T. (2016). National pathways to the Sustainable Development Goals (SDGs): A comparative review of scenario modelling tools. *Environmental Science & Policy*, 66, 199-207.
- Almeida, H. J. L. D., Nascimento Júnior, E. R. D., & Costa, A. D. J. B. (2017). Práticas de sustentabilidade corporativa no Brasil: análise das instituições financeiras integrantes do índice de sustentabilidade empresarial.
- Barata, J. P. M. (2019). O Planejamento de Estratégias para Questões Complexas Envolvendo Sustentabilidade Corporativa. *Gestão e Gerenciamento*, 1(6).
- Bastos, C. S. (2017). *Adoção dos objetivos de desenvolvimento sustentável por grandes empresas portuguesas: enfoque da integração e as lógicas subjacentes* (Doctoral dissertation).
- Batista, A. B., Bruni, A. L., & Cruz, N. V. S. (2016). Fatores determinantes do nível de divulgação ambiental nas maiores transnacionais brasileiras em 2014 segundo a Fundação Dom Cabral.
- Brandt, E., Kroenke, A., & Pletsch, C. (2018). Efeito da gestão familiar na avaliação do desempenho da empresa: Evidências do Brasil. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 17(52).
- Callado, A. L. C., Callado, A. A. C., & Almeida, M. A. (2008). A utilização de indicadores de desempenho não-financeiros em organizações agroindustriais: um estudo exploratório. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 10(1), 35-48.
- Callado, A. A. C., & Jack, L. (2017). Relations between usage patterns of performance indicators and the role of individual firms in fresh fruit agri-food supply chains. *Journal of Applied Accounting Research*.
- Cantele, S., & Zardini, A. (2018). Is sustainability a competitive advantage for small businesses? An empirical analysis of possible mediators in the sustainability–financial performance relationship. *Journal of Cleaner Production*, 182, 166-176.
- Carneiro, J. M., Silva, J. D., Rocha, A. D., & Hemais, C. A. (2005). Mensuração do desempenho organizacional: questões conceituais e metodológicas. *Estudos em negócios IV*, 145-175.
- Carroll, A. B. (2008). A history of corporate social responsibility: Concepts and practices. *The Oxford handbook of corporate social responsibility*, 1.
- Costa, S. F. D., & Boente, D. R. (2011). Avaliação da eficiência econômico-financeira das empresas integrantes do índice de sustentabilidade empresarial por meio da análise envoltória de dados. *REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL-Universidade Federal do Rio Grande do Norte-ISSN 2176-9036*, 3(2), 75-99.

- da Silva Macedo, M. A., & Corrar, L. J. (2010). Análise do desempenho contábil-financeiro de seguradoras no Brasil no ano de 2007: Um estudo apoiado em análise hierárquica (AHP). *Contabilidade Vista & Revista*, 21(3), 135-165.
- de Azevedo, A. L. V. (2006). Indicadores de sustentabilidade empresarial no Brasil: uma avaliação do Relatório do CEBDS. *Revibec: revista iberoamericana de economía ecológica*, 5, 75-93.
- de Melo, E. C., de Almeida, F. M., & da Silva Santana, G. A. (2012). Índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e desempenho financeiro das empresas do setor de papel e celulose. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 4(3).
- de Oliveira, S. N., & da Silva Santos, V. (2020). Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE): Uma análise da rentabilidade (roe) das empresas listadas na b3. *Revista Brasileira de Direito e Gestão Pública*, 8(3), 737-747.
- Diniz, M. L. F., & Callado, A. L. C. (2018). Mensurando a sustentabilidade empresarial através do grid de sustentabilidade empresarial (gse): um estudo em empresas do setor gráfico** Measuring business sustainability through corporate sustainability grid (csg): a study in graphics.
- Elkington, J. (1998). Partnerships from cannibals with forks: The triple bottom line of 21st-century business. *Environmental quality management*, 8(1), 37-51.
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando o SPSS-5*. Penso Editora.
- Froehlich, C. (2014). Sustentabilidade: dimensões e métodos de mensuração de resultados. *Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle*, 3(2), 151-168.
- Goyal, P., Rahman, Z., & Kazmi, A. A. (2013). Corporate sustainability performance and firm performance research: Literature review and future research agenda. *Management Decision*.
- Hepper, E. L., Hansen, P. B., & Santos, J. L. S. (2016). Iniciativas sustentáveis e desempenho organizacional: uma análise das publicações na Base Web of Science. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*.
- Jan, A., Marimuthu, M., bin Mohd, M. P., & Isa, M. (2019). The nexus of sustainability practices and financial performance: From the perspective of Islamic banking. *Journal of Cleaner Production*, 228, 703-717.
- Kaplan, R. S., & Norton, D. P. (2005). The balanced scorecard: measures that drive performance. *Harvard business review*, 83(7), 172.
- Kaplan, R. S., & Norton, D. P. (2008). A Execução Premium: A obtenção de vantagem competitiva através do vínculo da estratégia com as operações do negócio. Rio de Janeiro, RJ.
- Kotane, I., & Kuzmina-Merlino, I. (2011). Non-financial indicators for evaluation of business activity. *European integration studies*, (5), 213-219.
- Kulak, C., Castro, M., & Maçaneiro, M. (2016). Desempenho organizacional e práticas sustentáveis em uma empresa de transportes de carga. In. *Anais do Congresso Nacional de Excelência em Gestão*.
- Lavieri, C. A., & CUNHA, J. D. (2009). A utilização da avaliação de desempenho organizacional em franquias. *ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD*, 33.
- Machado, M. A. V., & Machado, M. R. (2013). Responsabilidade social impacta o desempenho financeiro das empresas?. *ASAA-Advances in Scientific and Applied Accounting*, 4(1), 2-23.
- Machado, M. R., Machado, M. A. V., & de Almeida Holanda, F. M. (2007). Indicadores de desempenho utilizados pelo setor hoteleiro da cidade de João Pessoa/PB: um estudo sob a ótica do Balanced Scorecard. *Turismo-Visão e Ação*, 9(3), 393-406.
- Marquezan, L. H. F., Diehl, C. A., & Alberton, J. R. (2013). Indicadores não financeiros de avaliação de desempenho: análise de conteúdo em relatórios anuais digitais. *Contabilidade, Gestão e Governança*, 16(2).
- Mattarozzi, V., & Trunkl, C. (2008). *Sustentabilidade dos negócios no setor financeiro: um caso prático*. Annablume Editora.
- Miola, A., & Schiltz, F. (2019). Measuring sustainable development goals performance: How to monitor policy action in the 2030 Agenda implementation?. *Ecological economics*, 164, 106373.
- Monteiro, A. A. F., Dos Santos, T. R., & Dos Santos, G. C. (2021). Índice de sustentabilidade empresarial (ise) e desempenho econômico-financeiro nas empresas da b3. *Ragc*, 8(38).
- Neely, A., Richards, H., Mills, J., Platts, K., & Bourne, M. (1997). Designing performance measures: a structured approach. *International journal of operations & Production management*.
- Oliveira, J. F. D. R., Viana Junior, D. B. C., Ponte, V. M. R., & Domingos, S. R. M. (2017). Indicadores de desempenho e valor de mercado: uma análise nas empresas listadas na bmfbovespa. *REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL-Universidade Federal do Rio Grande do Norte-ISSN 2176-9036*, 9(2), 240-258.

- ONU – Organização das Nações Unidas. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. [s.l.]: ONU, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/jcFMVC>>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- Pace, E. S. U., Basso, L. F. C., & Silva, M. A. D. (2003). Indicadores de desempenho como direcionadores de valor. *Revista de administração contemporânea*, 7(1), 37-65.
- Pedersen, C. S. (2018). The UN sustainable development goals (SDGs) are a great gift to business!. *Procedia Cirp*, 69, 21-24.
- Pereira, A. F. A., Stocker, F., Mascena, K. M. C. D., & Boaventura, J. M. G. (2020). Desempenho Social e Desempenho Financeiro em Empresas Brasileiras: Análise da Influência do Disclosure. *BBR. Brazilian Business Review*, 17(5), 540-558.
- Rabelo, L. S., & Lima, P. V. P. S. (2007). Indicadores de sustentabilidade: a possibilidade da mensuração do desenvolvimento sustentável.
- Rezende, I. A. C., Nunes, J. G., & Portela, S. S. (2008). Um estudo sobre o desempenho financeiro do Índice BOVESPA de Sustentabilidade Empresarial. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 2(1), 71-93.
- Rover, S., & Borba, J. A. (2007). Como as empresas classificadas no índice de sustentabilidade empresarial (ISE) evidenciam os custos e investimentos ambientais?. In *Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC*.
- Rozenbaum, O. (2019). EBITDA and managers' investment and leverage choices. *Contemporary Accounting Research*, 36(1), 513-546.
- Rufino, M. A., Mazer, L. P., Machado, M. R., & Cavalcante, P. R. N. (2014). Sustentabilidade e performance dos indicadores de rentabilidade e lucratividade: um estudo comparativo entre os bancos integrantes e não integrantes do ise da bmfbovespa. *REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL-Universidade Federal do Rio Grande do Norte-ISSN 2176-9036*, 6(1), 1-18.
- Savitz, A. W., & Weber, K. (2007). *A empresa sustentável: o verdadeiro sucesso é o lucro com responsabilidade social e ambiental*. Elsevier.
- Silva, E. H. D. R. D., Lima, E. P. D., Costa, S. E. G. D., & Sant'Anna, Â. M. O. (2015). Análise comparativa de rentabilidade: um estudo sobre o Índice de Sustentabilidade Empresarial. *Gestão & Produção*, 22(4), 743-754.
- Silva, M. E., Sousa, I. G., da Silva Feitosa, M. J., Balbino, B. P., & Correia, S. É. N. (2010). O Desempenho Empresarial como Reflexo de um Mudança Organizacional: a análise de um grupo de empreendimentos no estado da Paraíba. *Revista Reuna*, 15(1).
- Silva, V. M., & de Lucena, W. G. L. (2019). Contabilidade ambiental: análise da participação no índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e a rentabilidade das empresas listadas na [B] 3. *Revista Gestão & Tecnologia*, 19(2), 109-125.
- Souza, P. V. S. D., Cardoso, R. L., & Vieira, S. S. D. C. (2017). Determinantes da remuneração dos executivos e sua relação com o desempenho financeiro das companhias. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 23(SPE), 4-28.
- Soytas, M. A., Denizel, M., & Usar, D. D. (2019). Addressing endogeneity in the causal relationship between sustainability and financial performance. *International Journal of Production Economics*, 210, 56-71.
- Tisott, S. T., Rizzo, M. R., Gama, R., Moura, G., & Veloso, V. L. (2011). Desempenho e análise da utilização do BSC na Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista CTEEP. *Revista Reuna*, 16(2).
- Vargas, S. B. D., Diehl, C. A., Ayres, P. R. R., & Monteiro, A. F. (2016). Indicadores não-financeiros de avaliação de desempenho: análise de conteúdo em relatórios de administração de empresas de telecomunicações. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 11(1).
- Vellani, C. L., & de Souza Ribeiro, M. (2009). Sustentabilidade e contabilidade. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 6(11), 187-206.
- WCED. Our common future. Oslo: WCED, 1987. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2020.

DADOS DOS AUTORES

Bruno José Patrício Romão

Mestre em Informação Contábil para Usuários Internos (PPGCC/UFPB), João Pessoa/PB

Universidade Federal da Paraíba

Quintino Bocaiuva, 30. Juazeirinho – PB.

<https://orcid.org/0000-0003-3120-9459>

brunojosp@gmail.com

Renata Paes de Barros Câmara

Doutora em Engenharia Mecânica pela Escola de Engenharia Mecânica de São Carlos

Professora associada e do mestrado e doutorado em ciências contábeis (UFPB), João Pessoa/PB

Universidade Federal da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0001-6953-9811>

rpbcamara@gmail.com

Contribuição dos Autores:

Contribuição	Bruno José Patrício Romão	Renata Paes de Barros Câmara
1. Concepção do assunto e tema da pesquisa	√	√
2. Definição do problema de pesquisa	√	√
3. Desenvolvimento das hipóteses e constructos da pesquisa (trabalhos teórico-empíricos)	√	√
4. Desenvolvimento das proposições teóricas (trabalhos teóricos os ensaios teóricos)		
5. Desenvolvimento da plataforma teórica	√	
6. Delineamento dos procedimentos metodológicos	√	√
7. Processo de coleta de dados	√	
8. Análises estatísticas	√	
9. Análises e interpretações dos dados coletados	√	
10. Considerações finais ou conclusões da pesquisa	√	√
11. Revisão crítica do manuscrito	√	√
12. Redação do manuscrito	√	